

## Democracia como mestre de obras

Considerando a questão de produção do espaço doméstico como uma forma de análise arquitetônica das décadas de 1960 e 1970, neste trabalho a autora trata este assunto mostrando as diversas formas de se pensar sobre os problemas existentes no mundo em relação a habitação, o uso cotidiano deste espaço por nós e como as considerações sobre isso mudaram bastante numa época marcada pelo início de uma revolução tecnológica apressada.

Para situar-se no espaço-tempo, a autora começa a partir de 1970 contando que a partir dali que houve mudanças significativas na forma de pensar uma habitação, pois o mundo estava em uma fase onde a facilidade tecnológica era propaganda de boa vida, a produção de objetos cotidianos se dava em massa, a forma de se constituir uma família sofreu mudanças, pois começavam a haver mais gente morando sozinha, ou apenas casais, mães/pais solteiros, as mulheres estavam saindo de casa para trabalhar. Essas mudanças sociais pesaram nas decisões projetuais tomadas pelos arquitetos, sendo porta para várias discussões sobre o espaço doméstico e suas adequações a esse “novo mundo”.

A leitura se estende até a década de 1980, onde apesar das mudanças já estarem ocorrendo e de se ter a necessidade de adaptarem-se a isso, os arquitetos prendem suas discussões em temas formais, que apesar de serem relevantes, não tem a urgência que o tema habitacional possui. Pois ao não analisarem o que acontece em seu entorno e nem as necessidades espaciais dessas formas familiares, acabam tornando-se inúteis e obsoletos.

Pensando nisso, são apresentados e analisados no texto tres eixos que tratam a questão residencial como principal. Sendo eles o IBA Berlim, projeto que visava à reforma, restauração e reconstrução urbana e arquitetônica da cidade de Berlim pós II guerra; residências unifamiliares projetadas por grandes escritórios da época; e moradias multi familiares alternativas, que tentavam resolver o problema habitacional para famílias de baixa renda.

Com essas tres abordagens diferentes percebe-se que a autora tenta mostrar como a projeção do espaço doméstico é manuseada em situações diversas e como a necessidade de se resolver o problema habitacional é uma questão mundial abordada de forma diferente em cada lugar, apesar da intensa propaganda de globalização existente na época. Nos é mostrado que não há uma solução pronta para esse problema e que cada local possui seus problemas individuais, que diferem de outras localidades, assim se tem uma necessidade maior na vontade, tanto de quem projeta quanto de quem vai utilizar o espaço, em se focar na resolução do problema a partir das suas singularidades.

Sendo a maioria dos projetos exemplificados, habitantes de regiões e culturas que habitam a porção norte do planeta, e que sempre são dominantes como exemplo de boa arquitetura e de bom urbanismo. É necessário uma repensada no que está sendo imposto, para haver uma filtragem dessas considerações, pois nem tudo o que está ali se aplica a realidade existente nos países do lado sul.

Palavras-chave: habitação, indivíduos, urbanismo, família, projeto.

Resumo e apresentação pela discente Gabriele A. Corrêa: estudante de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Integração Latino Americana, cursando o 9o período, moradora de Foz do Iguaçu, grande interessada no desenvolvimento histórico da cidade, principalmente o pré Itaipu. Contato: gabriele.correa@aluno.unila.edu.br

Com base em: GHIRARDO, Diane. “O Espaço Público”. In: Arquitetura contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2002. pp: 123-200.